

**Secção/Área temática / Thematic Section/Area:
Migrações, Etnicidade e Racismo**

“A polarização identitária e o desafio das migrações na interseção com o género: questões de integração e discriminação em duas gerações de mulheres nepalesas”
“Identity polarization and the challenge of migration at the intersection with gender: issues of integration and discrimination in two generations of Nepali women”

**PEREIRA, Alexandra; CECC – FCH; Universidade Católica Portuguesa;
Palma de Cima, 1649-023 Lisboa; alepereira@ucp.pt**

Resumo / Resumen / Abstract / Résumé

Partirei de questões teóricas sobre migrações, modernidade, discriminação de género e migração feminina internacional nepalesa. O meu objetivo será responder à pergunta de investigação: como poderemos definir uma integração bem-sucedida e avaliá-la, enquanto ponderamos experiências de discriminação operacionalizadas e narradas pelas migrantes nepalesas das duas gerações entrevistadas? Operacionalizo os conceitos-chave mais relevantes envolvidos – como as principais formas de discriminação feminina migrante, as competências e capacidades das migrantes nepalesas e aquilo que considerarei como descritores de uma integração migrante bem-sucedida. Esta é uma investigação qualitativa, combinando a observação participante, o diário de campo e o método etnográfico com entrevistas semiestruturadas de 1h30m a 20 mulheres migrantes nepalesas da 1ª geração e 10 mulheres da 2ª geração em Portugal, todas maiores de 18 anos. Descrevo, em detalhe, os resultados obtidos e concluo discutindo a novidade e as implicações futuras das minhas contribuições.

I will start with theoretical questions about migrations, modernity, gender discrimination and Nepali international female migration. My main goal is to answer the following research question: how can we define a successful integration and evaluate it, while pondering experiences of discrimination operationalized and narrated by Nepali female migrants from the two generations interviewed? I operationalize the most relevant key concepts involved – such as the main forms of female migrant discrimination, the skills and abilities of Nepali migrants, and what I will consider as descriptors of a successful migrant integration. This is a qualitative investigation, combining participant observation, field diary and ethnographic method with semi-structured interviews (1h30m) to 20 1st generation Nepali female migrants and 10 2nd generation Nepali female migrants in Portugal. I describe, in detail, the results obtained and I conclude by discussing the novelty and future implications of my contributions.

Palavras-chave / Palabras clave / Keywords / Mots-clés:

Mulheres migrantes nepalesas; discriminação; integração; capacidades

Nepali female migrants; discrimination; integration; capabilities

1. Introdução

Apresentaremos aqui uma discussão sobre o desafio das migrações na interseção com o género e a polarização identitária, a partir de questões de integração e discriminação enfrentadas por duas gerações de mulheres nepalesas em Portugal. Para além do enquadramento teórico e de uma metodologia que inclui a operacionalização dos principais conceitos, examinamos e discutimos os resultados obtidos a partir de uma caracterização sociodemográfica, da descrição de discriminações e desigualdades, mas também das capacidades das entrevistadas, enquanto ponderamos oito dimensões distintas.

2. Enquadramento teórico

Os imigrantes dos países em desenvolvimento chegados à Europa beneficiam menos diretamente da economia das plataformas e assistem com maior frequência a uma crescente precarização e desqualificação das suas ocupações, ao mesmo tempo que uma fatia significativa desses imigrantes procura ajustar-se àquilo que Ambrosini (2021, 2022) designou por “economias morais baseadas no merecimento” – ou numa crescente polarização e distinção entre imigrantes “merecedores” e “não-merecedores” de documentação. Do ponto de vista territorial, em países de destino como Portugal, os imigrantes também são confrontados com regimes migratórios locais em ambientes urbanos que, muitas vezes, diferem dos regimes migratórios locais emergentes em localizações rurais (Cabral e Swerts, 2021). Simultaneamente, a chamada “feminização da migração” tornou-se uma realidade inescapável. Partiremos de questões teóricas sobre integração (Penninx, 2019), migrações e discriminação de género (Timmerman, Fonseca, Van Praag e Pereira, 2018; Ruysen e Salomone, 2018), juntamente com uma análise da migração feminina internacional nepalesa (Banco Mundial, 2022; Borelli, 2022; Shrestha, 2022; Chaudary, 2020).

Ponderaremos, ainda, que a aceleração típica das sociedades modernas está intimamente associada a processos de alienação. A uma perceção acelerada do tempo junta-se uma relação fluída e problemática com o mundo. Há, igualmente, um uso instrumental das temporalidades na governança migratória e o tempo é encarado como ferramenta de gestão do trabalho migrante. Shams (2020) considerou que os contextos de acolhimento (*Hostland*) moldam as imagens da *Homeland* ao longo do tempo e levam ao surgimento de um terceiro centro: *Elsewhere*. Simultaneamente, os regimes de trabalho temporário e regimes de fronteiras usam o tempo como ferramenta de opressão ou proteção dos e das migrantes, e esse uso do tempo “produz estatutos”

A polarização identitária e o desafio das migrações na interseção com o género: questões de integração e discriminação em duas gerações de mulheres nepalesas (Griffiths, 2021). Tal como descrito por Castellsagué (2020) a propósito do caso de Mingma, a mobilidade está simbolicamente associada ao desenvolvimento e o fato de ter morado em Catmandu ou no exterior torna qualquer mulher, homem ou família nepalesa *bikasis*, ou seja, “pessoas desenvolvidas” – que são contrastadas com os aldeãos locais. Não sendo este fenómeno (de todo) exclusivo do Nepal, ele é acentuado e exponenciado por dinâmicas tradicionais de casta, sendo essa nova posicionalidade construída através da negociação de mensagens, valores e expectativas entre as mulheres migrantes e os outros (Castellsagué, 2020: 8). A imagem do outro como “aldeão” ou *abikasi* (pouco desenvolvido ou moderno e com hábitos tradicionais que são considerados problemáticos) é influenciada por uma ideologia de modernidade, daquilo que é urbano e desenvolvido. Os *bikas* aparecem associados a certos códigos de vestuário, alimentação específica, posse de riqueza e conhecimento escolar ou educação (Castellsagué, 2020: 9).

Por outro lado, Teixeira (2022) descreveu os contextos urbanos como principal laboratório para a observação das metamorfoses do religioso na sociedade portuguesa (que decorrem de dinâmicas globais) e para compreender o impacto das novas formas de praticar território nos diversos processos de construção das identidades. Há, nos contextos metropolitanos, “a passagem da geografia dos universos estáveis ao pluriverso dos mapas interculturais” (Teixeira, 2022), integrando as “ethnoscapes” de Appadurai e as “culturas de fronteira” de Canclini no “tempo do globo” de Sloterdijk.

A migração nepalesa feminina internacional aparece como um fenómeno em crescendo e singular (de charneira) entre as migrações sul-asiáticas em Portugal: devido à chegada de mais mulheres nepalesas sozinhas, mães solo, trabalhadoras ou que estabelecem os seus próprios negócios em Portugal – do que entre as outras populações migrantes sul-asiáticas presentes no país, onde as mulheres ocupam sobretudo o espaço doméstico. Acresce que os novos fluxos humanos do Sul da Ásia em direção aos países ibéricos (que aumentaram significativamente nos últimos 10 anos, sobretudo para Portugal) são culturalmente acompanhados por novos fluxos de mídia, assim como por uma redefinição do conhecimento acerca da diáspora e pela transformação da agenda de pesquisa encetada pelos próprios estudantes e investigadores nepaleses que trabalham na Europa. Simultaneamente, eles propiciam um questionamento das distinções centro-periferia (Cunningham e Sinclair, 2001) e uma reavaliação geral das relações Norte/Sul globais, das relações de poder, dos processos de integração, das

heranças pós-coloniais e dos regimes de trabalho e precarização emergentes, na sua relação com os deslocamentos transnacionais.

Poderemos operacionalizar as principais formas de discriminação vivenciadas pelas mulheres migrantes entrevistadas recorrendo, enquanto referências úteis, quer às cinco dimensões do Índice SIGI da OCDE (código familiar discriminatório, restrição à integridade física, preconceitos favorecendo filhos do sexo masculino, restrição nos recursos e bens que podem possuir, restrição às liberdades civis das mulheres), quer às três formas de desrespeito descritas por Axel Honneth (1992, 2011): maus-tratos e violação (ameaçando a componente “integridade física” da personalidade); privação de direitos e exclusão (ameaçando a componente “integridade pessoal” da personalidade); e degradação e ofensa (ameaçando a componente “honra e dignidade” da personalidade).

Já as competências e capacidades das entrevistadas, mobilizáveis e passíveis de desenvolvimento, poderão ser operacionalizadas com base na *capabilities approach* de Martha Nussbaum (2001), que diferencia capacidades relacionadas com: 1) vida; 2) saúde corporal; 3) integridade corporal; 4) sentidos, imaginação e pensamento; 5) emoções; 6) razão prática; 7) afiliação; 8) outras espécies e mundo natural; 9) lúdico; 10) controle sobre o ambiente (político e material). Para esta autora, não há direito exercido sem a capacidade de o exercer, nem sem liberdade. Deve ser dada aos cidadãos a possibilidade de decidir se querem ou não adotar o funcionamento de uma determinada capacidade em todas as áreas. Para que uma capacidade seja garantida a uma cidadã, não basta criar uma esfera pública de não-interferência: deveremos criar um ambiente material e institucional que proporcione o apoio necessário a todas as capacidades consideradas pertinentes. Assim, a proteção às capacidades físicas e mentais será parte daquilo que é exigido para assegurar uma das capacidades da lista (Nussbaum, 2014: 68-69).

3. Metodologia

Partimos da seguinte pergunta de investigação: como definir uma integração bem-sucedida e avaliá-la, ponderando experiências de discriminação operacionalizadas e narradas pelas migrantes nepalesas das duas gerações entrevistadas? Seguimos uma metodologia qualitativa e uma abordagem interpretativa, com amostragem não-probabilística por método bola-de-neve e informações recolhidas a partir de 30 questionários de caracterização sociodemográfica e 30 entrevistas semi-estruturadas de 1 hora e 30 minutos com 20 mulheres migrantes nepalesas da 1ª geração e 10 mulheres

A polarização identitária e o desafio das migrações na interseção com o género: questões de integração e discriminação em duas gerações de mulheres nepalesas nepalesas da 2ª geração na AML, além de pesquisa etnográfica, observação participante e diário de campo. Os dados recolhidos foram analisados recorrendo a software NVIVO 11. Cada uma das oito dimensões analisadas foi dividida em múltiplos indicadores, de acordo com as questões em cada subsecção do guião de entrevistas. Por fim, especificamos que a 2ª geração aqui considerada veio para Portugal na infância ou início da adolescência, num contexto de migração com os pais ou reagrupamento familiar, e é maior de 18 anos (a 2ª geração já nascida em Portugal seria muito jovem para incluir na nossa amostra e comparar com as mães, além de que isso levantaria diversos problemas, tanto metodológicos quanto éticos).

3.1 Operacionalização de Conceitos

As capacidades das entrevistadas foram utilmente operacionalizadas recorrendo a oito dimensões distintas: 1) percurso migratório, 2) relações familiares, 3) relações laborais, 4) relações sociais, 5) relações comunitárias, 6) relações sexuais, 7) auto-determinação jurídica e 8) dimensão existencial e identidade pessoal. Estas dimensões definem camadas (ou uma constelação de pertenças) e captam as negociações realizadas pelas migrantes nepalesas.

Propomo-nos, ainda, definir uma integração migrante bem-sucedida da seguinte forma (integração, termo muito disputado, encarada aqui somente no sentido da definição anteriormente fornecida por Rubin et al, 2012¹ e tendo em conta as ressalvas feitas por Penninx, 2019):

- De modo geral, a interação entre as recém-chegadas nepalesas e a sociedade recetora (portuguesa) e os resultados dessa interação podem ser considerados mais positivos do que negativos, a três níveis (individual, coletivo e institucional) e considerando três dimensões (jurídico-legal, socioeconómica e cultural-religiosa) (Penninx, 2019);

- A sociedade de acolhimento cumpre, por seu turno, alguns requisitos e deveres essenciais, no sentido de promover a integração de migrantes recém-chegadas que não dominam o português: 1. promove e divulga aulas de língua portuguesa em número suficiente para a procura, em horários adequados e tendencialmente gratuitas (nos serviços públicos ou através de apoios a entidades terceiras); 2. facilita a documentação das migrantes em Portugal em tempo previsível e aceitável, sem estase, urgência ou retrocessos imprevisíveis e instrumentais; 3. forma regularmente os funcionários dos diferentes serviços públicos (saúde, educação, finanças, segurança social, agência de migrações e asilo) para lidar com a crescente diversidade social portuguesa, de modo

não-discriminatório (punindo comportamentos de discriminação e racismo); 4. estabelece apoios à maternidade, bolsas de habitação acessível, estimula o trabalho e empreendedorismo migrante feminino; 5. informa as migrantes recém-chegadas acerca de aspetos jurídico-legais essenciais para a sua auto-determinação simbólica (como as leis de migração, laborais, tributárias, direito da família, seus direitos e deveres essenciais).

- As migrantes manifestam aceitação pessoal do seu projecto migratório, retratam-no como satisfatório, sentem-se bem-sucedidas nesse projeto e manifestam independência simbólica (para elas, houve mais ganhos do que perdas em decorrência da migração – incluindo ganhos de direitos, auto-determinação e ganhos identitários);

- Nas diversas dimensões em análise e nas esferas (ou camadas) de pertença não são descritas experiências de discriminação, nem se registam desigualdades marcantes, decorrentes do fato de estas mulheres serem migrantes;

- Há mais harmonia do que tensão e uma articulação bem-sucedida entre aspetos da comunidade axiológica de pertença e aspetos da comunidade normativa de acolhimento: a pertença destas mulheres é mais fonte de sentido do que fonte de tabu, e ela é vivida mais como uma oportunidade do que enquanto ameaça;

- As constelações de pertença, assim articuladas, formam aquilo que convencionámos designar por identidades compostas das mulheres migrantes.

4. Resultados

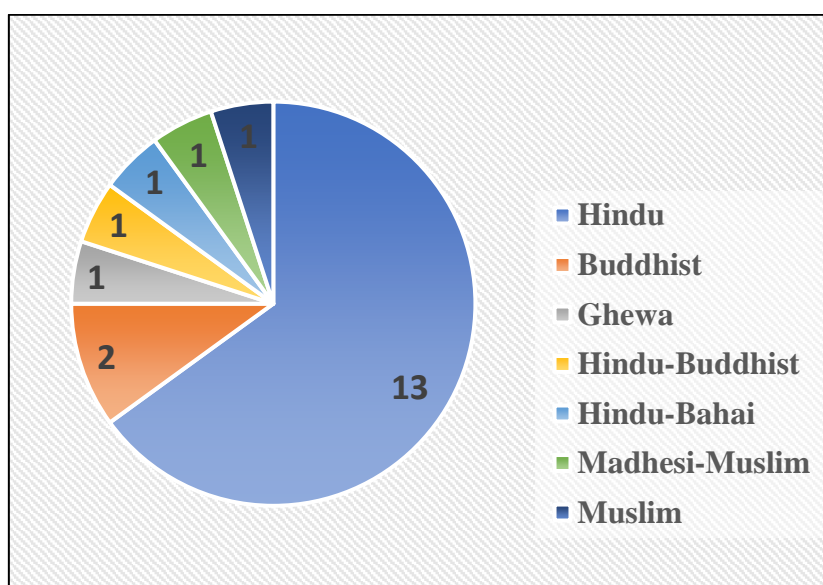
Os questionários iniciais de caracterização sociodemográfica permitiram delinear o perfil das mulheres entrevistadas da 1^a e 2^a gerações, com uma maior precisão. Nomeadamente quanto às questões relacionadas com o seu nível educativo, agregado familiar, emprego/desemprego, línguas faladas, grupos étnicos de origem e religiões professadas, percurso migratório e agregados familiares. No que concerne à composição dos agregados familiares das 30 entrevistadas, verificamos que o número de elementos do agregado familiar variava entre dois e sete elementos. Já quanto ao número de pessoas a viver na mesma casa que as entrevistadas, observamos um total de 159 coabitantes para 30 entrevistadas: o número mínimo de pessoas a viver na mesma casa é três e o máximo é nove, com uma média de cinco coabitantes para as 30 mulheres entrevistadas. No que diz respeito aos grupos étnicos das entrevistadas das duas gerações (N=30), verificamos uma predominância de Brâmanes Chhetris e Bahuns, seguidos por Newars e, depois, das chamadas “nacionalidades indígenas”

A polarização identitária e o desafio das migrações na interseção com o género: questões de integração e discriminação em duas gerações de mulheres nepalesas nepalesas (como Rais, Gurungs, Limbus e Tamangs). Ressalta a grande diversidade étnica da amostra.

4.1 Perfil Sociodemográfico da 1ª Geração

O gráfico na figura nr 1 representa as religiões professadas pelas mulheres da 1ª geração:

Figura nr. 1 – Religião da 1ª Geração (N=20)



Verificamos que a maioria das entrevistadas da 1ª geração se declara hindu. Uma entrevistada é ghewa – ie., professa budismo Tamang, misturado com hinduísmo, animismo e xamanismo. Uma das mulheres hindus da 1ª geração prefere ir à igreja portuguesa do que ao templo hindu – e uma outra, ainda, diz-se hindu-bahai. Quanto às idades das entrevistadas da 1ª geração (N=20), observamos uma idade mínima de 25 anos e máxima de 44 anos, com uma idade média de 32 anos. No que diz respeito ao sexo dos filhos das mulheres da 1ª geração, verificamos uma predominância de filhos do sexo masculino (14), com um total de 21 filhos para 20 mulheres entrevistadas.

Quanto à prática de guniu-choli (um ritual realizado antes da puberdade, que envolve oferecer roupas novas à rapariga ou, por vezes, até esconder-lhe as roupas), verificamos que 13 em 20 entrevistadas da 1ª geração fizeram guniu-choli. Sobre o aborto, observamos que quatro mulheres em 20 assumem que fizeram aborto, enquanto cinco preferem não responder a essa questão e 11 declaram que nunca fizeram, nem alguma vez fariam, um aborto (a maioria das mulheres da 1ª geração recusa o aborto, ou não o

assume). Curiosamente, o aborto em Portugal é legal até às 10 semanas enquanto, no Nepal, o aborto é legal até às 12 semanas e ainda se pratica, localmente, aborto seletivo de fetos do sexo feminino. No que concerne à prática do chhaupadi (isolamento da mulher numa casa ou divisão à parte, proibição de cozinhar ou frequentar a cozinha, pelo fato de ser considerada “impura” durante o seu período menstrual – o que tem relação com uma lenda hindu), quatro das entrevistadas da 1ª geração assumem claramente fazer chhaupadi, mas algumas entrevistadas que afirmam não o fazer praticam, na realidade, uma espécie de “modernização urbana” do chhaupadi e revelam depois, durante as entrevistas, que se isolam em quartos, dormem separadas dos maridos, ou não frequentam outras áreas da casa durante o seu período menstrual.

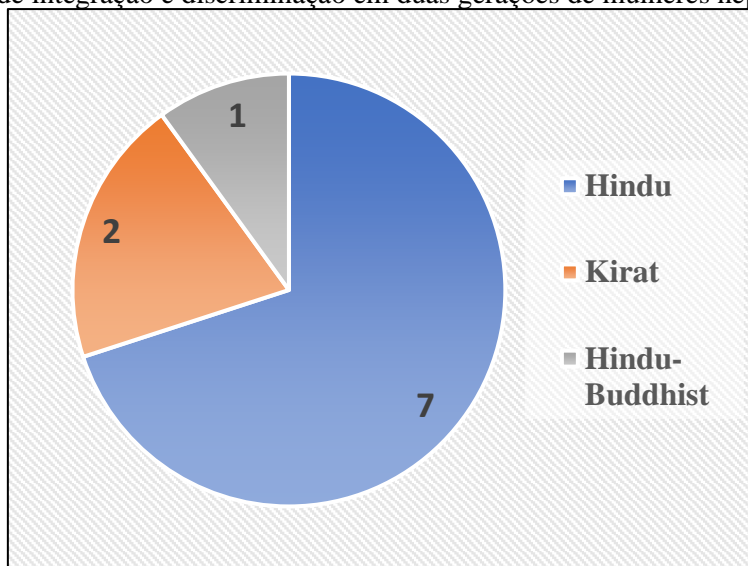
Metade das entrevistadas da 1ª geração (10) recusa o divórcio, mas a diferença é pouco significativa em relação àquelas que o aceitam (oito em 20) somadas às que preferem não responder a essa questão (duas em 20). A aceitação do casamento entre grupos étnicos ou castas diferentes é maioritária, para a 1ª geração. Verificamos que seis em 20 entrevistadas nunca usariam, nem usaram, contraceção. Por outro lado, uma maioria de 14 em 20 mulheres da 1ª geração usaram ou usariam contraceção – e apenas uma entrevistada preferiu não responder a essa questão.

4.2 Perfil Sociodemográfico da 2ª Geração

No que diz respeito ao perfil sociodemográfico da 2ª geração de entrevistadas (N=10), resumiremos em seguida os dados relativos às suas idades, religiões, prática de guniu-choli e chhaupadi, principais posições declaradas quanto ao aborto, divórcio e casamento entre grupos étnicos distintos ou castas diferentes, bem como quanto uso de anticoncepcionais. O gráfico na figura nr 2 representa as religiões professadas pelas mulheres nepalesas da 2ª geração:

Figura nr. 2 – Religião da 2ª Geração (N=10)

A polarização identitária e o desafio das migrações na interseção com o género: questões de integração e discriminação em duas gerações de mulheres nepalesas



Observamos que a maioria (sete em 10) das entrevistadas de 2ª geração se diz hindu. Apesar de as entrevistas terem vindo a revelar que a maioria rejeita radicalmente as pertenças e práticas ou rituais religiosos concretos, apenas identificando estes como “algo relevante para os nossos pais e avós” (mas não para a sua geração). Uma das entrevistadas chega, inclusive, a afirmar que “a família [dela] é que é hindu (e não a própria)” (não-praticante).

No que diz respeito às idades das entrevistadas da 2ª geração, todas maiores de 18 anos (mas na sua esmagadora maioria ainda dependentes, ou a morar, com os respetivos pais, ou chegadas a Portugal num contexto de reagrupamento familiar), observamos uma idade mínima de 18 anos e máxima de 27 anos, com uma idade média de 22 anos para as entrevistadas da 2ª geração. A maioria (seis em 10 entrevistadas) da 2ª geração fez, ainda, guniu-choli no contexto familiar. A maioria (seis em 10) nunca fez ou faria um aborto, mas três entrevistadas preferem não responder a essa questão – e uma assume que já abortou. A esmagadora maioria (nove em 10) afirma que não fez chhaupadi: há uma mudança atitudinal em relação à 1ª geração, que é mais clara aqui – abdicando da segregação da mulher durante o período menstrual, por suposta “impureza”. A maioria das entrevistadas da 2ª geração (oito em 10) aceita o divórcio nalguma circunstância – o que constitui igualmente uma diferença, ou uma mudança de valores e atitudinal, em relação às respostas dadas pela 1ª geração. No que concerne ao casamento entre grupos étnicos e castas distintas, a esmagadora maioria das entrevistadas da 2ª geração (nove em 10) aceita, sem qualquer relutância, o casamento entre grupos étnicos distintos, ou entre castas diferentes. Quanto ao uso de contraceção,

seis em 10 entrevistadas da 2ª geração declaram que nunca usaram ou usariam contraceção, havendo contraste com as respostas da 1ª geração. A 2ª geração é mais liberal no divórcio e mais conservadora na contraceção do que a 1ª geração de entrevistadas. Porém, devido às idades ainda jovens das entrevistadas da 2ª geração de mulheres nepalesas, deveremos ponderar que algumas delas ainda terão pouca experiência de relacionamentos íntimos (a média das idades para esta 2ª geração foi de 22 anos), o que interferirá nestes resultados.

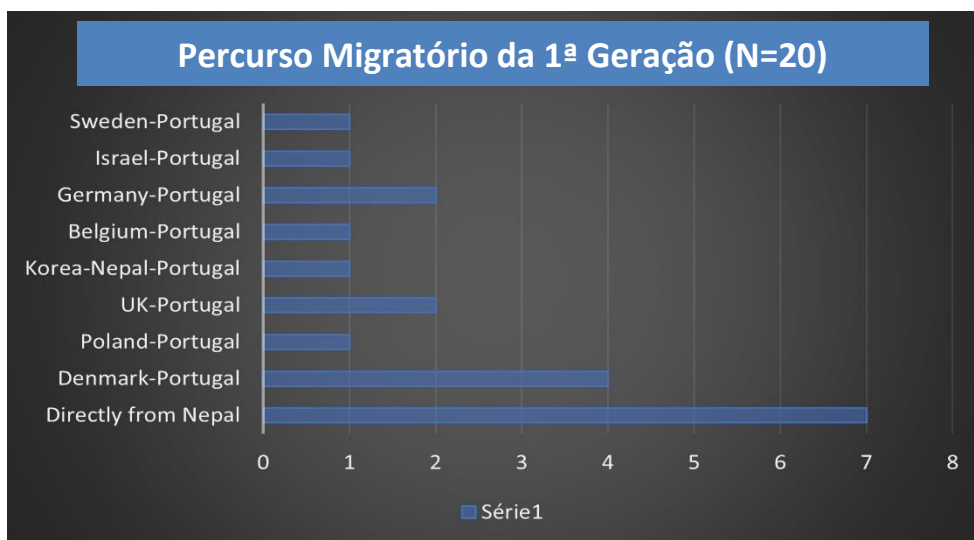
4.3 Entrevistas Semi-Estruturadas

Analisaremos, em seguida, os resultados obtidos através das entrevistas para as oito dimensões distintas: 1) trajetória migratória, 2) relações familiares, 3) relações de trabalho, 4) relações sociais, 5) relações comunitárias, 6) relações sexuais, 7) auto-determinação jurídica e 8) dimensão existencial e identidade pessoal. Estas dimensões definem camadas (ou uma constelação de pertenças) e captam as negociações realizadas pelas migrantes nepalesas das duas gerações entrevistadas.

4.3.1 Percurso Migratório

Os percursos migratórios da 1ª geração de entrevistadas são complexos, variados e marcados por um contato prévio com realidades migratórias em diferentes países europeus e não-europeus, conforme demonstra o gráfico na figura nr 3:

Figura nr. 3 – Trajetória Migratória da 1ª Geração (N=20)



No âmbito dos trajetos migratórios da 1ª geração, verificamos que só 35% (sete em 20) das mulheres migrantes entrevistadas chegaram a Portugal vindas diretamente do

A polarização identitária e o desafio das migrações na interseção com o gênero: questões de integração e discriminação em duas gerações de mulheres nepalesas Nepal. Quatro delas tinham morado na Dinamarca anteriormente, duas na Alemanha e duas outras no Reino Unido. Algumas habitaram previamente em Israel, Coreia, Polónia ou Suécia. O número de anos a viver em Portugal, para a 1ª geração de entrevistadas, varia entre um ano e meio e oito anos. Já o número de anos vividos em Portugal, para as mulheres da 2ª geração (N=10), varia entre dois anos e dezassete anos. Metade das entrevistadas da 2ª geração mora em Portugal há oito ou mais anos, o dobro do tempo relativamente à maioria das mulheres de 1ª geração.

4.3.2 Relações Familiares

Relativamente aos dados sobre relações familiares recolhidos através das nossas entrevistas para ambas as gerações (N=30), é referido o controle existente no seio das famílias nepalesas, bem como a repressão em termos educativos e a perda de independência e poder de decisão dos casais nepaleses, relativamente às suas famílias alargadas. A maioria das mães nepalesas é descrita como conservadora pela 2ª geração e esta prefere usar as colegas portuguesas como termo de comparação (adota valores normativos da sociedade de acolhimento), o que origina alguns conflitos intergeracionais com os respetivos pais. A 1ª geração adere à tradição de modo geral (“The Nepali way is the best way”), mas abdica do sistema de castas em Portugal. Note-se a prevalência do “casamento por arranjo familiar” na 1ª geração de mulheres e, igualmente, nos pais da 2ª geração de entrevistadas. As mulheres e mães aparecem descritas como guardiãs das tradições religiosas e familiares nepalesas:

«My family back in Nepal... Even when I was growing up... we were super close. We still are, my sisters and my father, and I. I think that we bonded more after my mother died. She died in 2008. My mother told us everything about religion, our family, the house, our responsibilities. She made us read, and be respectful.»

Entrevistada nr. 13

Esta citação demonstra bem o papel desempenhado pela mãe da nossa entrevistada nr 13 na transmissão de valores às filhas: sobre a família, a religião, as suas responsabilidades, a leitura, ou o que ela designa como “respeito” nas relações interpessoais. Inquirimos, ainda, a 1ª e 2ª gerações sobre a realização de rituais ligados à morte, no seio das suas famílias. Destacamos a grande diversidade de ritos religiosos ligados à morte realizados nas famílias das nossas entrevistadas, a qual reflete igualmente a diversidade religiosa presente, com prevalência dos ritos hindus.

4.3.3 Relações Laborais

No que concerne às relações laborais das nossas entrevistadas das 1ª e 2ª gerações (N=30): segundo a 1ª geração, no Nepal o trabalho não é tão relevante para a mulher quanto em Portugal – já que, no país de origem, toda a família ajudará e há mais flexibilidade para conciliar a vida pessoal e profissional. Para estas mulheres, em Portugal é muito difícil ser mãe e trabalhar em simultâneo (até pela escassez de creches, horários incompatíveis e preços praticados). São, ainda, mencionados discriminação laboral e pagamentos em atraso no trabalho, bem como despedimentos por gravidez e dificuldades no acesso ao subsídio de desemprego e às prestações sociais portuguesas. As entrevistadas da 2ª geração referem que não gostam de trabalhar para patrões nepaleses porque eles “têm uma mentalidade retrógrada”, recusando fechar-se no seio da sua comunidade de origem.

4.3.4 Relações Sociais

Quanto às relações sociais, as mulheres nepalesas da 1ª geração enfrentam um conflito de papéis (maternidade vs. trabalho, sistema de castas vs. ocidentalização) e uma barreira linguística significativa. É mencionada a dificuldade em fazer amigos portugueses e também é referida a “rudez e caráter fechado” dos portugueses, tentando forçar as imigrantes a falar português. Foram, além disso, descritas múltiplas situações de discriminação, choque cultural, negligência, rudez ou violência obstétrica em maternidades, hospitais e centros de saúde portugueses – as experiências com o Serviço Nacional de Saúde parecem ser-lhes particularmente desagradáveis. Ainda sobre as relações sociais, são descritos choques culturais relativos à língua, cultura e comida portuguesas, mas também é salientada a capacidade de “evoluir mentalmente” e a necessidade de tomar Portugal como casa, até “a bem dos filhos”. A título exemplificativo, as tarefas domésticas ocupam quase todo o tempo livre da entrevistada nr 13, que só raramente visita amigos nepaleses.

Quanto aos aspetos positivos e negativos das relações sociais na origem e no destino, para as duas gerações de mulheres entrevistadas (N=30), destaca-se o fato de “em Portugal ninguém se importar com aquilo que fazemos” surgir descrito como um aspeto positivo, por contraposição ao controle social nepalês. Mas os portugueses também são considerados como muito mais impacientes do que os nepaleses e com tendência a maldizer colegas, embora sejam “focados em fazer o que é necessário”. O “desprezo súbito” por parte de amigos e contatos nepaleses em Portugal, que mudam de repente de religião ou partido político (nepalês), é tido como um aspeto negativo. A entrevistada

A polarização identitária e o desafio das migrações na interseção com o género: questões de integração e discriminação em duas gerações de mulheres nepalesas nr 24 (2ª geração) afirma que os nepaleses “não são parte do seu círculo social” e só por essa razão não lhes conhece “aspectos negativos”. Quanto aos portugueses, descreve-os como “inventivos”, porém “incapazes de cumprir prazos”. A entrevistada nr 28 (2ª geração) destaca a preocupação dos portugueses com os animais, contrastando-a com a “indiferença [geral] em relação aos sem-abrigo”. Refere como positivo o fato de os nepaleses “se preocuparem uns com os outros”, embora a sociedade de matriz patriarcal seja considerada um aspeto negativo. A 2ª geração mantém redes sociais mistas, ou sobretudo portuguesas e europeias, e tende a viajar preferencialmente dentro da Europa.

4.3.5 Relações Comunitárias

No âmbito das relações comunitárias, procurámos abordar os aspetos vistos, pelas nossas entrevistadas, como positivos e negativos – quer na sua comunidade axiológica de pertença, quer na comunidade portuguesa de destino. Começaremos por destacar o isolamento vivenciado pelas mães solo nepalesas, no contexto das suas relações comunitárias com outros nepaleses em Portugal:

«It was hard with a small child to arrive here and get a job... I had to ask friends to take care of my son... Most of the times, I could not afford childcare. I don't have relations with the Nepali community. I'm a mother alone, and I prefer that way.»

Entrevistada nr. 17

Esta outra entrevistada descreve a comunidade nepalesa como “mais fechada e propensa a propagar boatos”, tendo-se tornado seletiva na escolha dos amigos; vê ainda os portugueses como “mais individualistas, porém mais livres”:

«Nepali community has very strong hierarchies, and I don't identify myself with those. (...) I think that Europeans are rational and cold... But I see myself as a European too, besides Nepali. This is where I chose to live. Portuguese are very straightforward, often they can be rude for our own standards... But, sometimes, you have to tell the truth to people. (...) In the Nepali community (...), people try to stick their nose into other people's lives too much... So, I only have a few friends. It's good to choose. With the Portuguese community... I don't have many contacts... They are more individualistic. But individuals are more free too.»

Entrevistada nr. 14

Quanto aos aspetos gerais, positivos e negativos, das relações comunitárias na origem e no destino, a comunidade de origem é descrita como coletivista e esse é tido como um aspeto positivo, ao passo que na comunidade portuguesa a “liberdade, igualdade, informação, organização e limpeza” são encaradas como aspetos positivos, mas “o egoísmo e a solidão dos idosos, desprezados por filhos e netos”, são vistos como aspetos francamente negativos. A comunidade nepalesa é, ainda, descrita como

“emaranhada” e os nepaleses como “demasiado dependentes da opinião da sua família alargada e até dos seus amigos, deveriam ser mais independentes” – entrevistada nr 15 (1ª geração). A entrevistada nr 23 (2ª geração) pensa que “muitos nepaleses em Portugal não querem evoluir” e, por isso, “não os compreende” e considera que os portugueses “são simpáticos se houver um esforço [da parte dos nepaleses] para se relacionar com os locais”. Por outro lado, a entrevistada nr 24 (2ª geração) considera que a comunidade nepalesa “não se preocupa com a saúde mental nem com a mudança climática, nem com nada que importe à geração mais jovem”, embora veja as fortes redes comunitárias nepalesas como positivas. Já a entrevistada nr 28 (2ª geração) menciona expressamente “algum racismo” dos portugueses como um aspeto negativo. As mulheres surgem, uma vez mais, enquanto guardiãs das tradições religiosas comunitárias.

4.3.6 Relações Sexuais

Questionámos a 1ª e 2ª gerações de entrevistadas sobre as relações mantidas no seio do casal (1ª geração) ou entre os pais (2ª geração). Observamos que, na 1ª geração de entrevistadas, 16 mulheres casaram “por arranjo familiar”, três não são casadas e uma mulher teve um casamento *nikah* (tradicional muçulmano). Na 2ª geração de entrevistadas, os pais de nove mulheres casaram “por arranjo familiar” e os pais de uma mulher casaram “por roubo de noiva” (tradição da etnia nepalesa Rai). Uma das mulheres da 2ª geração não fez “arranjo familiar” do seu casamento (ele foi decidido pelo próprio casal) e duas outras mulheres da 2ª geração afirmaram expressamente querer casar por decisão própria do casal também, “tal como os portugueses” – e não “por arranjo familiar”. Portanto, na 1ª geração, o casamento “por arranjo familiar” prevalece claramente, enquanto a 2ª geração prefere, sem dúvida, o “casamento por decisão do casal” acima do casamento “por arranjo familiar” – verifica-se, assim, uma clara mudança atitudinal e de valores na 2ª geração de entrevistadas, quanto ao tópico do matrimónio e da oficialização das relações entre sexos. Adicionamos que uma das entrevistadas da 2ª geração também refere que “os seus pais são muito liberais, ao contrário da maioria dos pais nepaleses” e, por isso, a “deixam ter muitos amigos do sexo masculino – a maioria, de fato” (algo impensável para as entrevistadas da 1ª geração).

4.3.7 Auto-Determinação Jurídica

Relativamente à auto-determinação jurídica das nossas entrevistadas, a maioria das mulheres da 1ª geração confessa que não conhece, ou que sente necessidade de conhecer melhor, as leis portuguesas e deseja ter acesso a traduções informativas em inglês. Elas

A polarização identitária e o desafio das migrações na interseção com o género: questões de integração e discriminação em duas gerações de mulheres nepalesas recorrem preferencialmente à internet, ou a amigos e familiares (sobretudo aos seus maridos) quando pretendem esclarecer alguma dúvida legal. Estas migrantes conhecem, sobretudo, as leis de imigração mais básicas – mas não as leis laborais ou aquelas relativas à segurança social, por exemplo:

«No, I don't know the Portuguese laws. I don't know my rights [looks impotent].»

Entrevistada nr. 8

A 2ª geração queixa-se da complexidade dos materiais disponíveis online, os quais as entrevistadas têm de pesquisar por longo tempo – elas consideram que são necessárias informações mais simples e acessíveis aos imigrantes, sobre aspetos legais em Portugal. No que diz respeito ao controle sobre o ambiente político, a grande maioria das mulheres entrevistadas da 1ª geração tem autorização de residência em Portugal e a esmagadora maioria das mulheres da 2ª geração tem passaporte português. A maioria das mulheres da 1ª geração não tem atualmente um advogado, embora algumas tenham recorrido a advogados no passado, sobretudo para objetivos de reunificação familiar.

Por fim, a generalidade das nossas entrevistadas considera que os tipos de apoio mais prementes e necessários, para as mulheres migrantes nepalesas em Portugal, são aqueles relativos à aprendizagem da língua portuguesa, acesso a tradutores e mediadores culturais, direitos laborais e acesso ao trabalho, apoios na maternidade e infantários, bem como aconselhamento matrimonial. Observamos, ainda, que a entrevistada nr 21 (2ª geração) menciona a vulnerabilidade particular das mulheres migrantes ao assédio em contexto laboral e noutros contextos, o qual descreve como “disseminado”. Considera, ainda, importante traduzir os materiais informativos para as migrantes em nepalês, mais do que em língua inglesa.

4.3.8 Dimensão Existencial e Identidade Pessoal

Quanto à dimensão existencial e identidade pessoal, nas respostas para a 1ª e 2ª gerações (N=30) há um grande contraste entre os sonhos da 2ª geração, mais livre nas relações de género, e o pragmatismo (focado no presente, imediatista, de sobrevivência) da 1ª geração. As questões estéticas de género passam mais pela cultura de origem e são mais ritualizadas na 1ª geração, a 2ª geração é mais ocidentalizada e fluída, orgulha-se dos seus *jeans* porque representam emancipação e trabalho, só usando o *saari* por imposição familiar e em dias especiais.

Procurámos, ainda, determinar aquilo que era essencial e acessório na religião, para as nossas entrevistadas (N=30). Verificamos que a 1ª geração valoriza os princípios e valores passados através da religião pela geração dos seus pais, rejeitando somente os

sistemas de casta. Observamos que, contrariamente, a 2ª geração rejeita a religião. Já no que diz respeito à relação com a natureza, destacamos este trecho da entrevistada nr. 13 (1ª geração):

«Nature is very precious for us Nepalis, and in our religion. You know that we use a lot of natural products to celebrate fertility, Spring, and all that. The harvests... It's always present in our celebrations. We learned that we are part of the Earth, we must respect it.»

Entrevistada nr. 13

Enfim, e relativamente aos modelos femininos que as entrevistadas seguem, observámos que a 1ª geração tende a admirar e espelhar-se em atrizes e mulheres políticas nepalesas, enquanto a 2ª geração segue modelos femininos como *influencers* de redes sociais, mulheres músicas ocidentais e atrizes também ocidentais, sobretudo americanas. Neste aspeto, não diferem da maioria das mulheres portuguesas da sua idade.

4.4 A Relação Entre 1ª e 2ª Gerações

A relação entre as 1ª e 2ª gerações de mulheres nepalesas em Portugal pode ser melhor compreendida recorrendo aos conceitos de *bikasi* e *abikasi*. Os resultados demonstram uma certa aversão das mulheres de 2ª geração pela comunidade nepalesa de 1ª geração em Portugal²: descrita, muitas vezes, como “demasiado ignorante”, ou até com considerações como “these people know nothing” – sendo que “these people” se reporta, neste caso, aos nepaleses migrantes. Estabelece-se, então, na narrativa e nas práticas de muitas entrevistadas da 2ª geração uma cisão, sobretudo se os migrantes de 1ª geração provêm de zonas rurais do Nepal.

Adicionalmente, a entrevistada nr. 21 (2ª geração) afirma de modo explícito: “É importante mantermos algumas tradições, mas estamos a tentar assimilar-nos à sociedade alargada”. Este movimento de “tentativa de assimilação” (que inclui a secularização) aparece, muitas vezes, como reação a um percurso e integração escolar conturbados ou traumáticos, vivenciados pela 2ª geração em Portugal:

«For sure, [the greatest challenge] was... adapting to school... I never thought that the school here would be so demanding and hard. I had to study the double or triple to get only average results. Until I finished the Secondary [school], it was like a battle for me.»

Entrevistada nr. 22 (2ª Geração)

A 2ª geração descreve ainda, abertamente, os seus conflitos com os pais. É mencionada uma grande pressão para “ser exemplar”, dada a sua condição de filha(s) de migrantes, um favorecimento e discriminação (por parte dos pais de ambos os sexos) relativamente aos irmãos do sexo masculino (aos quais é dada maior liberdade) e, ainda,

A polarização identitária e o desafio das migrações na interseção com o gênero: questões de integração e discriminação em duas gerações de mulheres nepalesas a tendência dos pais nepaleses para se “apoiarem demasiado nos filhos”, ou “serem mais rigorosos” do que os pais portugueses (na percepção das filhas).

Para a 1ª geração de entrevistadas, procurámos indagar “O que significa ser mãe?”. Verificamos que as concepções de maternidade da 1ª geração de entrevistadas nepalesas variam entre “uma oportunidade dada por Deus”, “uma questão de orgulho e um sinal de fertilidade”, “uma luta estressante, mas que me completa e realiza”, “muito trabalho, porém a maior das alegrias”, “algo com um significado profundo e que responsabiliza mais a mãe do que o pai, porque é o nosso principal trabalho”, “a melhor coisa que me aconteceu no mundo” e “a coisa mais responsável que eu poderia fazer, um sonho tornado realidade... também é duro mas, na nossa cultura, as pessoas respeitam mais as [mulheres que são] mães”. Aqui, torna-se patente o estatuto adquirido por via da maternidade no seio da comunidade de origem, onde a mulher ganha palavra e poder de decisão doméstica quando é mãe.

Já para a 2ª geração, inquirimos sobre “O que significa ser filha?”. Verificamos que a 2ª geração de mulheres se compara às portuguesas da mesma idade e sente-se bastante sobrecarregada, com responsabilidades acrescidas pela manutenção da casa e irmãos mais novos – pelo simples fato de ser mulher. Essa sobrecarga é imposta pelos pais e pela família alargada. A 2ª geração descreve, ainda, uma melhor relação com os pais e avós do que com as mães, tidas como “mais conservadoras”. Sobre este resultado, impõem-se três notas explicativas, que poderão ajudar-nos a compreendê-lo. Em primeiro lugar, as entrevistadas da 2ª geração não são as filhas das entrevistadas da 1ª geração, mas de outras mulheres; além disso, são apenas 10 as entrevistadas de 2ª geração que completaram o nosso questionário e a entrevista final – o que, como é normal nos estudos qualitativos, não é representativo (no sentido de não se poder extrapolar resultados, contraditórios ou não, para a população total de mulheres nepalesas da 2ª geração, essa cautela deverá estar sempre presente). Em segundo lugar, como várias entrevistadas de 2ª geração referiram, os pais do sexo masculino passam muito tempo fora de casa a trabalhar – o que poderá justificar, em parte, que no espaço doméstico haja mais “choques” com as mães, pois a convivência das filhas é muito maior com estas. Também o tratamento diferenciado dos filhos do sexo masculino e a exigência de tarefas domésticas às filhas (papel que os pais não assumem, mas as mães sim) justificará tais incompreensões. Em terceiro lugar, foi possível verificar que os pais (homens) das castas mais elevadas e de grupos tradicionalmente ligados à educação ou administração tendiam (ao contrário dos homens nepaleses de castas mais baixas) a

incentivar as suas filhas, na Europa, a investirem na educação e carreira (como uma entrevistada da 2ª geração afirmou: “my father pushes me to do things”), enquanto algumas mães tendem a projetar-se mais nas filhas do sexo feminino, acabando por insistir para que as filhas reproduzam papéis tradicionais que as próprias já não assumem para si mesmas.

5. Discussão

A 1ª geração de entrevistadas é marcada pelo conflito de papéis e barreira linguística, enquanto a 2ª geração recai claramente na assimilação, até como consequência de uma adaptação algo traumática à escola portuguesa. As queixas de discriminação no acesso à saúde e trabalho (por via da língua portuguesa e rudez dos funcionários públicos locais) são transversais às duas gerações de mulheres entrevistadas – contudo, estes dados devem ser articulados com as notas de algumas entrevistadas, defendendo que a aprendizagem obrigatória da língua portuguesa nos três primeiros meses a morar em Portugal seria uma medida fulcral para facilitar a integração das migrantes. A 2ª geração rejeita a natureza fechada e o controle social da comunidade nepalesa em Portugal, o que pode ser vantajoso em termos de emancipação feminina. E rejeita radicalmente a religião, nos termos aceites pelos seus pais e avós – um movimento de secularização que também expressa o seu desejo de assimilação à sociedade portuguesa. Pelo contrário, a 1ª geração associa as práticas e crenças religiosas a um conjunto de valores, princípios e rituais herdados, que deverão ser mantidos e reproduzidos (a reprodução da religião é, simbolicamente, parte da sua construção identitária).

Quanto aos problemas relacionais nos casais da 1ª geração, eles são marcados pelas carências materiais, mas também pela incapacidade de lidar com a (nova, adquirida) independência da mulher (salário, trabalho e vida fora do espaço doméstico, ganhos em termos de direitos cívicos e legais) e a possibilidade de divórcio, que não existe na sociedade de origem (onde ele constitui um tabu, tal como a reconstrução da vida afetiva após a viuvez). Note-se que a elevadíssima percentagem de divórcios verificada na sociedade portuguesa alargada contrasta fortemente com esse tabu.

As mulheres nepalesas da 1ª geração lidam com um conjunto de desafios interseccionais: são oriundas de uma sociedade patriarcal, onde o seu valor pessoal depende fortemente da maternidade. Contudo, desejam tornar-se profissionais bem-sucedidas (sabem também que, em Portugal, o elevado custo de vida exige que ambos os membros do casal trabalhem) e ser independentes financeiramente, sem perder o estatuto que conquistaram enquanto mães e (muitas vezes) enquanto esposas

A polarização identitária e o desafio das migrações na interseção com o gênero: questões de integração e discriminação em duas gerações de mulheres nepalesas tradicionais. Elas deparam-se com processos de exploração e precarização acentuada no mercado de trabalho, e com obstáculos à conciliação dos diferentes papéis que assumiram. Descrevem choques culturais importantes e grandes mudanças pessoais, mentais e identitárias decorrentes da migração. Por outro lado, verifica-se uma demanda constante para que as migrantes falem forçosa e proficientemente português. Nos serviços públicos, deve haver disponibilidade para fornecer informações noutras línguas a recém-chegadas e para acolher mediadores culturais. Tal como há um dever da sociedade de acolhimento de gerar oportunidades suficientes para as elas aprenderem português (seja através de aulas de PLNM – português língua não-materna ou aulas de PLA – português língua de acolhimento), promovendo uma integração bem-sucedida e prevenindo formas de violência simbólica sobre quem não domina a língua portuguesa.

Enfim, observou-se a existência de uma polarização identitária entre as 1^a e 2^a gerações: resultante da tensão entre ser e definir-se como essencialmente portuguesa e europeia (2^a geração), ou definir-se antes como uma “nepalesa europeia” – ie, adotando alguns direitos e a auto-determinação das mulheres europeias, porém mantendo outras tradições culturais e religiosas de origem nepalesa (1^a geração). Por outra via, os homens nepaleses, sobretudo aqueles com menores níveis de instrução, poderão lidar mal com as “novas” liberdades femininas reclamadas na Europa pelas suas companheiras, enquanto elas negociam pertenças que incluem ganhos identitários. Os mecanismos simbólicos de construção de identidade destas mulheres são afetados pela espera ou “estase” e pela frustração de expectativas, e dão-se quer por comparação às mulheres europeias-portuguesas, quer por diferenciação delas e identificação com as suas próprias mães e avós. Se as mulheres da 2^a geração abdicam dessa negociação em favor da assimilação (o que é, diga-se, um movimento característico e bem descrito nas 2^{as} gerações de migrantes, em diferentes países), torna-se igualmente provável que uma 3^a geração de mulheres descendentes venha, por seu turno, a querer resgatar alguns aspetos identitários da sociedade nepalesa de origem (tal como descrito por múltiplos artigos de investigação dedicados às migrações).

Finalmente e de um ponto de vista cognitivo-cultural, as nossas entrevistadas das 1^a e 2^a gerações mantêm representações da Europa: a) enquanto amálgama de características particulares com imaginários relativos a um espaço total indistinto (a “Europa homegeneizada” idealizada: “moderna e progressista”, onde pode “ser-se livre” e “fazer-se o que se quiser”; b) como uma cosmologia europeia com hierarquias (ou preferências) de destino e re-migração dentro dela (surgindo Alemanha, Bélgica,

Dinamarca, Noruega ou Reino Unido como destinos prediletos – quer de re-migração para a 1ª geração, quer de viagem a lazer para a 2ª). Há também algumas evidências dos chamados “transbordamentos espaciais imaginários”: ie, da transferência cognitiva de imaginários específicos de um lugar para outro lugar (Cf. Nemigma Project por Neubauer, 2022). Quer através do conceito geral de Europa (exº: instituições e procedimentos típicos do Reino Unido, Alemanha ou Dinamarca podem ser transpostos indiscriminadamente para Portugal ou Espanha – o que não é alheio aos percursos migratórios prévios das mulheres), quer equiparando algumas características de Lisboa à mais familiar Catmandu (exº: “o tempo é semelhante”, “os edifícios são parecidos”, “na rua, só oiço falar nepalês”). Esta ancoragem imaginária aos lugares familiares para lidar com a incerteza associada a espaços novos desconhecidos corresponde a um mecanismo cognitivo banal e descrito há muito³. Destaque-se, ainda, que os meios de comunicação nepaleses ajudam as mulheres migrantes de 1ª geração a adaptar-se a um novo local (a criar representações da Europa) e a formar a sua nova identidade composta de “nepalesas europeias”, influenciando também os seus planos futuros de re-migração.

6. Conclusões

Vimos no enquadramento teórico que a aceleração típica das sociedades modernas está intimamente associada a processos de alienação. As noções de aprisionamento (*entrapment*) e espera (*waiting*) aplicam-se, com propriedade, quer aos longos processos de documentação experimentados por muitas mulheres migrantes nepalesas de 1ª geração, quer à perceção (que elas mantêm) de se encontrarem “encurraladas” entre as tarefas domésticas/papéis de esposas e mães e a necessidade de trabalhar a tempo inteiro e ter autonomia financeira em Portugal. Podemos afirmar que elas vivem divididas entre o paradoxal binómio pressão/aceleração societal e suspensão/espera pessoal – tal desarmonia não contribuirá para uma integração facilitada e bem-sucedida da 1ª geração de mulheres nepalesas em Portugal. Por contraste, a 2ª geração de entrevistadas abraça totalmente a aceleração da sociedade moderna e descarta a própria herança cultural, na qualidade de “subdesenvolvida” – sendo esse movimento compreensível e legítimo, é possível especularmos que a 2ª geração corre o risco de vir a descobrir, mais tarde, que a precariedade da sociedade acelerada deixou muitas promessas de pertença por cumprir e, embora ela produza maior independência simbólica e ganhos identitários, também não gerará necessariamente maior sentido pessoal, societal e comunitário, a longo-prazo.

A polarização identitária e o desafio das migrações na interseção com o género:
questões de integração e discriminação em duas gerações de mulheres nepalesas

Ponderando, agora, os resultados obtidos à luz da operacionalização de uma integração migrante bem-sucedida (tal como definida na operacionalização de conceitos) consideremos, em primeiro lugar, que a sociedade portuguesa de acolhimento não cumpre alguns deveres essenciais, no sentido de promover a integração de migrantes recém-chegadas: há aulas insuficientes de língua portuguesa; processos de documentação morosos, baseados na “espera”, burocráticos e imprevisíveis; serviços públicos pouco preparados para acolher a diversidade social crescente; falta de apoios à maternidade, habitação, trabalho e empreendedorismo migrante feminino; falta de informação das migrantes acerca de vários aspetos jurídico-legais essenciais para a sua auto-determinação simbólica no destino; e falta de representação política das migrantes.

Em segundo lugar, notemos que os resultados da interação entre as mulheres nepalesas da 1ª geração e a sociedade recetora não parecem mais positivos do que negativos nos três níveis (individual, coletivo, institucional) e dimensões (jurídico-legal, socioeconómica e cultural-religiosa) avaliados. Em terceiro lugar, observemos que, apesar de haver independência simbólica das entrevistadas da 1ª geração, ganhos ao nível dos direitos e da sua auto-determinação, muitas dessas mulheres não sentem ainda o seu projeto migratório como bem-sucedido, além de terem descrito múltiplas experiências de discriminação em serviços públicos e para a maioria das dimensões em análise (oito). Para a 1ª geração, a comunidade axiológica de pertença é tanto fonte de tabu quanto de sentido (ex^o: verifica-se reivindicação identitária através da religião), ao passo que a comunidade portuguesa de destino é tanto fonte de ameaça quanto de sentido. Regista-se, portanto, uma marcada ambivalência. Assim, propomos que as migrantes da 1ª geração entrevistadas não vivenciam uma integração migrante bem-sucedida, por não terem conseguido uma articulação equilibrada entre as diversas constelações de pertença, que são fonte de angústias variadas.

Quanto à 2ª geração de entrevistadas (na maioria dos casos sendo empurradas em direção à assimilação ou à hiper-integração), a sua interação com a sociedade portuguesa e os resultados dessa interação podem ser considerados como mais positivos do que negativos, nos três níveis e nas três dimensões previamente definidos. Porém, a interação da 2ª geração com a sua comunidade axiológica de pertença é mais negativa do que positiva: há rejeição da herança cultural e religiosa, assim como afastamento em relação à comunidade nepalesa em Portugal, frequentemente descrita em tom depreciativo – além de se registar um fosso ou conflito intergeracional. Esta 2ª geração

define-se como “europeia” ou “portuguesa e europeia” (mais do que nepalesa), sente-se bem-sucedida (por contraste com a 1ª geração) e manifesta independência simbólica (ganhos de direitos, simbólicos e auto-determinação maiores do que a 1ª geração e equivalentes às mulheres portuguesas da mesma idade). Quanto às oito dimensões em análise, ou camadas de pertença, as entrevistadas da 2ª geração assumem, sem hesitação, conflitos entre os pais e familiares em decorrência da migração, mostram maior auto-determinação jurídica (até pela sua literacia tecnológica) e uma tentativa de hiper-adaptação à escola portuguesa (inclusive, para poder comunicar com colegas e corresponder às expectativas dos pais – sempre maiores em relação às filhas do sexo feminino). A 2ª geração tem uma relação menos “moldada pelo tabu” com o próprio corpo (exº: período menstrual) e com amigos do sexo masculino, adotando como valor o “casamento por decisão autónoma do casal”. Apesar de também fazer referência a experiências de discriminação, racismo e, até, ao assédio sexual sofrido por mulheres de 1ª geração em Portugal, esta 2ª geração possui mais recursos e informação para lidar com essas experiências, além de boa capacidade de reflexão crítica e comunicação sem estigmas. Em suma: a 2ª geração de entrevistadas parece ter conseguido uma integração mais bem-sucedida, ou uma articulação mais eficiente entre as diferentes camadas de pertença – à exceção da relação estabelecida com a sua herança cultural, que é sobretudo performativa e apenas mantida “para agradar/obedecer aos pais” durante alguns festivais anuais, quando muito.

7. Novidade do Projeto e Implicações Futuras

A novidade do nosso projeto consiste em focar-se numa população migrante ainda pouco estudada em Portugal, propondo diálogo intergeracional e um projeto-piloto, com alguns aspetos inovadores e parcerias inéditas. Ele sugerirá modos de prevenir diversos tipos de desigualdades e exclusões enfrentadas por estas mulheres, adotando uma perspetiva interseccional e buscando colocar os mais vulneráveis e as periferias no centro do debate sobre sua própria inclusão social. Em termos de implicações futuras, destacam-se a viabilização de parcerias (com associações migrantes, profissionais de saúde e jornalistas, ou parceiros institucionais de vários tipos), a promoção da igualdade de género e inclusão das mulheres migrantes nepalesas, bem como o estímulo à liderança feminina e à negociação de pertenças dentro da comunidade nepalesa e junto da comunidade de acolhimento em Portugal. O nosso projeto destina-se, de modo geral, a promover um maior bem-estar das mulheres migrantes e a estudar os mecanismos através dos quais poderemos promover uma integração mais bem-sucedida, no futuro.

Por decisão pessoal, a autora do texto escreve segundo o novo acordo ortográfico

8. Notas

1. O próprio conceito de “imigrantes” tende a ser substituído por “newcomers” nalgumas circunstâncias – ou o termo “integração” vê-se preterido em favor da “coesão social” e dos aspetos conviviais, práticas relacionais, assimetrias de poder e materialidades envolvidas na negociação das diferenças (Meissner e Heil, 2021). Rubin et al. (2012) definiram as pessoas que se “integram” como estando envolvidas tanto na sua herança cultural quanto na cultura da sociedade de acolhimento.

2. As descrições feitas por Castellsagué a respeito das dificuldades encontradas por Mingma no seu regresso ao Nepal rural, bem como a distinção que a própria faz entre *bikasi* (“nós”, todos os aldeãos emigrados) e *abikasi* (“eles”, todos os aldeãos locais que “necessitam” de ser educados ou desenvolver-se) têm muitas semelhanças com o discurso da maioria das minhas entrevistadas da 2ª geração nepalesa em Portugal quando perguntadas acerca da 1ª geração nepalesa, da vida social e comunitária, ou da sua comunidade axiológica de pertença.

3. Exemplo: ela teve um equivalente curioso há quatro séculos atrás, quando os primeiros Jesuítas portugueses se estabeleceram no Tibete ocidental (padre António Andrade, 1624) ou atravessaram em missão o Butão, Tibete e Nepal (padres João Cabral e Estevão Cacella, 1626-27), tendo descrito os campos de trigo do Nepal da seguinte forma: “nunca vi terra mais parecida com o Alentejo”, e observado que os edifícios, planeamento e tapeçarias da cidade real do Tibete eram “similares aos de Portugal, exceto pela ausência de artilharia” (Cabral, 1628, trad. por Gettelman, 1982: 97-110).

9. Referências Online

NEMIGMA – Understanding Nepali Migration to Malta (Neubauer, 2022)

genderindex.org (SIGI, OCDE)

10. Referências

Ambrosini, M. (2021). The transnationalized social question and immigration policies: three comments and one question in regard to an outstanding study. *Ethnic and Racial Studies*, 44(8), 1382-1387.

Ambrosini, M. (2022). Moral economy and deservingness in immigration policies. The case of regularisations in Italy. *Ethnicities*, 14687968221117544.

Banco Mundial (2022). Nepal Development Update. April 13, 2022. [disponível em: <https://www.worldbank.org/en/country/nepal/publication/nepaldevelopmentupdate>, visitado pela última vez em 12 de Maio de 2022].

Borelli, A. (2022). *Mulheres da Diáspora Nepalesa: O Papel da Saúde Sexual e Reprodutiva na Reformulação da Identidade Transnacional*. MA dissertation in Migrations, Inter-Ethnicities and Transnationalism [supervision by Professor José Mapril]. Lisbon: FCSH-UNL.

- Cabral, I., & Swerts, T. (2021). Governing precarious immigrant workers in rural localities: Emerging local migration regimes in Portugal. *Politics and Governance*, 9(4), 185-195.
- Castellsagué, A. (2020). La retórica del retorno: Mingma o las contradicciones del desarrollo en Nepal. *Disparidades. Revista de Antropología*, 75(2), e025-e025.
- Chaudhary, D. (2020). International Migration Policy, Law And Governance In Nepal: An Overview. In *The Migration Conference 2020 Proceedings: Migration and Politics* (pp. 11-21). Transnational Press London.
- Cunningham, S., & Sinclair, J. (Eds.). (2001). *Floating lives: The media and Asian diasporas*. Rowman & Littlefield.
- Gettelman, N. M. (1982). Letter of First Westerner to Visit Bhutan-Tibet-Nepal (Joao Cabral, SJ, 1599-1669).
- Griffiths, M. (2021). Interrogating time and temporality in migration governance. *Handbook on the Governance and Politics of Migration*, 316-328.
- Honneth, A. (1992, 2011). *Luta pelo reconhecimento: para uma gramática moral dos conflitos sociais*. Lisboa: Edições 70.
- Meissner, F., & Heil, T. (2021). Deromanticising integration: On the importance of convivial disintegration. *Migration Studies*, 9(3), 740-758.
- Nussbaum, M. C. (2001). *Women and human development: The capabilities approach* (Vol. 3). Cambridge University Press.
- Nussbaum, M. (2014). Educação e justiça social. *Tradução de Graça Lami. Portugal: Pedago*.
- Penninx, R. (2019). Problems of and solutions for the study of immigrant integration. *Comparative Migration Studies*, 7(1), 1-11.
- Rubin, M., Watt, S. E., & Ramelli, M. (2012). Immigrants' social integration as a function of approach–avoidance orientation and problem-solving style. *International Journal of Intercultural Relations*, 36(4), 498-505.
- Ruyssen, I., & Salomone, S. (2018). Gender discrimination as a driver of female migration. *Gender and migration: A gender sensitive approach to migration dynamics*, 149-172.
- Shams, T. (2020). Here, There, and Elsewhere. In *Here, There, and Elsewhere*. Stanford University Press.
- Shrestha, S. (2022). *Female migrant workers hold up half the sky – Migration offers Nepali women a chance to become financially independent, yet the government tried to*

A polarização identitária e o desafio das migrações na interseção com o género: questões de integração e discriminação em duas gerações de mulheres nepalesas *restrict it*. *The Nepali Times*, 09 de Março 2022 [disponível em: <https://www.nepalitimes.com/here-now/female-migrant-workers-hold-up-half-the-sky/>, acessado pela última vez em 11 de Maio de 2022].

Rubin, M., Watt, S. E., & Ramelli, M. (2012). Immigrants' social integration as a function of approach–avoidance orientation and problem-solving style. *International Journal of Intercultural Relations*, 36(4), 498-505.

Teixeira, A. (coord.), Franca, M., Vilaça H., M., Dix, S., Moniz, J. B. & Coutinho, J.P. (2022). *Religião, Território e Identidade: Contextos Metropolitanos*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Timmerman, C., Fonseca, M. L., Van Praag, L., & Pereira, S. (Eds.). (2018). *Gender and migration: A gender-sensitive approach to migration dynamics* (Vol. 3). Leuven University Press.